



Folhas Vivas

BOLETIM INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO DE ALUNOS DA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE VILA FRANCA DE XIRA

Ano IX, Nº 48 Dezembro 2017

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

EDITORIAL



“O povo que andava nas trevas viu uma grande luz” (*Isaías 9,1*). Acontecimento que tem mais de dois mil anos e é ele o motivo que nos faz celebrar o NATAL.

Há neste tempo, que chamamos de natalício, um clima diferente. Luzes por todos os lados, votos de FELIZ NATAL, mãos estendidas, confraternizações e tudo convidando-nos à celebração.

O que é que se celebra no NATAL?

Somos envolvidos pela correria do comércio. Os presentes, as viagens e tantas outras realidades próprias desta quadra fazem-nos viver um tempo diferente. Mas será que, nestes nossos dias, tão agitados e interativos celebramos verdadeiramente o NATAL, aquilo que verdadeiramente ele é ou preferimos deixar-nos levar pelo clima externo do consumismo, pelo obnubilismo do fundamental continuando a viver no faz-de-conta?

É preciso outro caminho! Se assim não se fizer o Natal passa a ser mais uma festa entre muitas outras, sem grande significado. Não basta presépios, Missa do Galo, troca de presentes e ceias fartas para o Natal acontecer, é preciso tomar a decisão de uma vida nova, pautada por valores mais humanos que nos conduzam a atitudes coerentes durante todos os dias do ano.

Apostemos em ser, a partir dos pequenos acontecimentos e das escolhas do dia-a-dia, uma luz no meio do espaço da nossa convivência. As pessoas do mundo de hoje estão cansadas do nada, estão sedentas de justiça gritando por outra CIDADE.

FELIZ NATAL

Maria Josefa de Moraes Soares



Nesta Edição

EDITORIAL – na capa

VISITA DE ESTUDO AO MONTE DO SENHOR DA BOA MORTE EM POVOS – P 02

ALMOÇO DE NATAL DA AAUS – P 03

FESTA DE NATAL DA UNIVERSIDADE SÉNIOR – P 03

O PRESÉPIO – P 04

VISITA DE ESTUDO AO MONTE DO SENHOR DA BOA MORTE EM POVOS

Seis de Dezembro de 2017, manhã fria, corpos gelados que requisitam um bom aconchego, preparamo-nos para uma deslocação ao Monte do Senhor da Boa Morte em Povos, orientados pela professora de História Local, Maria Gracieta Gaspar. Partimos alegremente ao encontro da História e da Fé no cimo da colina.

Bafejados pelo sol brilhante que nos acolhe e uma panorâmica inesquecível sob o Rio Tejo e Lezírias, iniciamos a nossa visita guiados pelo Dr. Paulo Silva e Dra. Ana Serra, técnicos superiores do Museu Municipal de VFX, que ali nos aguardavam e que, com o seu saber nos iriam enriquecer grandemente sobre o local.

Entramos no interior do Santuário onde o Divino e a História se intercalam irmãmente num abraço fraterno de prender a atenção do visitante ou devoto. A Capela dos Séc. XVI e XVII dedicada ao Senhor da Boa Morte, cujo corpo no centro do altar simboliza Jesus Cristo morto. As paredes são de azulejos brancos e azuis de estilo árabe, destacando-se alguns com imagens de Anjos de grande beleza.

A Capela possui ainda outros altares com retábulos de Santos, cuja pintura sobressai e nos prende o olhar sobre as mesmas. Também nesta Capela se venera uma imagem de Nossa Senhora de Fátima oferecida pelo Novilheiro José Júlio. Sobre o púlpito está suspensa uma Bandeira da Monarquia.



No exterior do Santuário sobressai elegantemente uma abóboda cuja arquitetura é de origem Islâmica. À sua volta vestígios de uma necrópole medieval, as ruínas de um Solar do Séc. XVI, pertencente à família dos Ataíde, Condes da Castanheira, restos de uma muralha, marcas de povoamentos Castrejos e ainda um miradouro que exhibe garbosamente o Cruzeiro da Independência.

Segundo pesquisas pensa-se que a primeira ocupação do Monte teve lugar no final do período Romano, por volta do Séc. IV. Todavia, informações mais concretas acerca deste local datam do período Islâmico. Também junto às muralhas encontraram construções califais e numa fase anterior parece terem existido habitações de caráter emiral.

Segundo a história, este nome Senhor da Boa Morte, deve-se ao povo das Lezírias e às muitas tragédias que os afligiam. “Como na altura morriam muitas pessoas devido às cheias, pediam que o Senhor lhes desse uma boa morte”.

Mais ricos em sabedoria sobre a história deste local e carregando a bela imagem que se estende no sopé do monte, partimos felizes e ambiciosos por novos conhecimentos.

Maria Alice Maia

